

CONJUGALIDADE DOS PAIS E PROJETOS DE VIDA DOS FILHOS FRENTE AO LAÇO CONJUGAL

Aluna: Vanessa Diniz da Silva

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Introdução/ Justificativa

Com o objetivo de avaliar como os filhos percebem a relação conjugal dos pais, foi construído o Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais (QCP), composto de sessenta itens no formato Likert, relacionados a diferentes aspectos identificados como relevantes na vivência da conjugalidade. Vários desses aspectos indicam menos conflito e maior satisfação e outros mais conflito e menor gratificação na relação conjugal. Originalmente, todos os itens ofereceram para resposta cinco categorias (“nunca”, “raramente”, “às vezes”, “geralmente” e “sempre”).

Resultados parciais foram apresentados em três trabalhos anteriores, baseados nas respostas de 246 sujeitos aos itens da primeira versão do instrumento [1]; [2]; [3]. As análises críticas realizadas posteriormente apontaram inadequações técnicas em alguns itens da escala. Ao invés de se adotar a prática costumeira de simplesmente afastá-los do instrumento em sua forma final, decidiu-se pesquisar, conceitual e empiricamente, as razões subjacentes às inadequações detectadas. Foram preservados, assim, os motivos teóricos que, item a item, primeiramente presidiram as escolhas temáticas de conteúdo, ao distinguir este ou aquele aspecto da conjugalidade.

O presente relatório discute as modificações introduzidas que resultaram na forma atual do instrumento, mantendo, portanto, o conteúdo dos sessenta itens iniciais, muito embora o formato de alguns deles tenha mudado substancialmente. Essas mudanças foram sempre no sentido de preservação da inspiração teórica original que orientou a elaboração dos itens, construídos a partir de outros instrumentos de avaliação da relação conjugal, bem como da literatura sobre estrutura e dinâmica do laço conjugal, conforme detalhado anteriormente [1]; [2]. Além disso, considerações teóricas baseadas

na experiência clínica influenciaram significativamente a decisão de se modificar o formato de alguns itens. Como se verá, para melhor atender a esses requisitos, procurou-se subordinar a psicometria propriamente dita a esses fatores.

Objetivo

O objetivo primeiro deste projeto foi estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos, e as concepções, motivações, mitos e expectativas que estes - jovens adultos solteiros das camadas médias urbanas - possuem em relação ao laço conjugal. Este estudo permitirá ampliar o conhecimento sobre as questões relacionadas ao lugar que o laço conjugal ocupa hoje no projeto de vida daqueles que ainda não se casaram. A investigação do quanto a forma como os pais se constituíram enquanto casal conjugal influencia o lugar da conjugalidade no projeto de vida dos filhos hoje, trará subsídios importantes para a prática psicoterápica.

Um objetivo secundário emergiu ao longo do desenvolvimento da investigação: a reformulação e a reaplicação numa população mais ampla do instrumento utilizado (QCP), visando à sua validação. O presente relatório está relacionado a este último objetivo.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, esta investigação foi desenvolvida em três etapas, utilizando para isto uma metodologia quanti-qualitativa. Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa de levantamento que teve como objetivo investigar a percepção dos filhos sobre a conjugalidade de seus pais. Inicialmente, 278 sujeitos, recrutados em salas de aula de diversos cursos de graduação e pós-graduação de dez universidades da zona sul e da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, responderam aos instrumentos utilizados nesta fase da pesquisa.

Na segunda etapa do estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa para avaliar a concepção, as expectativas, os ideais e os mitos sobre casamento dos jovens adultos, com o objetivo de investigar as possíveis relações existentes entre a percepção dos filhos sobre o casamento de seus pais e aquilo que o laço conjugal representa para eles.

Nesta etapa, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, cujo roteiro invisível contemplava vários temas relevantes da dinâmica conjugal e familiar. As entrevistas foram gravadas e transcritas e o material obtido foi submetido a uma análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin [4]. Desta análise, emergiram como mais relevantes as seguintes categorias: *projetos de vida; individualidade e conjugalidade; influência da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos*.

Na terceira etapa, desenvolvemos o estudo psicométrico de validação do *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais* com o objetivo de disponibilizar um método de avaliação da percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais.

Foram aplicados em 1620 sujeitos com idades entre 18 e 29 anos. A amostra foi dividida em metades de 810 sujeitos cada uma, para se testar a replicabilidade das análises multivariadas. Como as aplicações foram feitas na zona sul do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, em Belo Horizonte e em Petrópolis, abre-se a possibilidade de se investigar simultaneamente diferenças entre essas regiões, além das possíveis diferenças de níveis sócio-econômicos e de gênero, tomadas como variáveis moderadoras [5].

Os resultados discutidos nesta etapa referem-se ao questionário *QCP* tal como um conjunto de 60 itens voltado para avaliação do construto *conjugalidade* (dos pais). Esses itens relacionam-se às dimensões teóricas identificadas como relevantes na vivência da conjugalidade já mencionadas, a saber, gratificação conjugal, expressão de afeto, maturidade emocional e identidade conjugal. Não obstante a subdivisão da escala nessas dimensões teoricamente derivadas, a análise de componentes principais e seu correspondente gráfico de sedimentação dos autovalores indicam, do ponto de vista empírico, a presença de uma única dimensão preponderante, interpretada, genericamente, como “conjugalidade”.

A avaliação gráfica “scree test”, por meio da forma de sedimentação dos autovalores, indica a presença de um componente suficientemente preponderante para sugerir que a escala, tomada como um todo, é unidimensional. O modelo de análise dos componentes principais é apropriado quando a preocupação mais importante é com “o número mínimo de fatores necessários para explicar a parte máxima da variância representada no conjunto total de variáveis” [6]. Também se aplica quando o conhecimento anterior sugere que as variâncias específica e de erro representam uma proporção relativamente pequena da variância total [7]; [8]. Este é o caso dos resultados da presente escala, como indica a grande magnitude do coeficiente de consistência

interna: alfa de Cronbach igual a 0,95, calculado sobre a totalidade das respostas. Dentre o total de 14.760 itens considerados (246 participantes, cada um diante de 60 itens para responder), 14.690 apresentaram respostas válidas. As omissões e as respostas inválidas atingiram, portanto, menos de meio por cento (0,47%). Face a essa baixa incidência, foi utilizado o recurso do programa de computador SPSS (2001) de atribuir às 70 omissões o valor médio das respostas válidas, permitindo, assim, o cálculo do alfa para toda a amostra de 246 respondentes.

O exame mais detalhado da progressão de sedimentação dos autovalores observado no “scree test” mostra um segundo componente ligeiramente destacado dos seguintes, que decididamente se nivelam mostrando que não há, do ponto de vista da estrutura empírica da escala, componentes adicionais a serem considerados que poderiam conduzir a uma análise fatorial com, por exemplo, fatoração dos eixos principais e rotação adequada para determinação do número de fatores e sua identificação como uma possível segunda dimensão empiricamente observável, além da dimensão básica da “conjugalidade”, referente ao primeiro componente principal.

Embora esse segundo componente principal (com autovalor de 3,25) mereça ser examinado para que se possa verificar quais os itens que com ele mais se correlacionam (em contraponto a 19,91 para o autovalor do primeiro componente), neste primeiro momento seguimos a recomendação de Pasquali [9] de deixar de lado minúcias dos teóricos e technicalidades dos estatísticos quanto à adequação da análise fatorial para decidir a questão da unidimensionalidade. Ao fazer isso, abre-se a possibilidade de se usar essa técnica com base na suposição de que a matriz é unifatorial; então, sugere Pasquali [9], “peça a extração de um fator e veja se a grande maioria dos itens tem carga alta no fator”.

Os itens em sua formulação completa, com as respectivas comunalidades, apresentadas por cada item na extração de 13 componentes, correspondentes, respectivamente, aos autovalores acima de 1, foram classificados em ordem decrescente da magnitude dessas comunalidades. Verificou-se que há 20 itens com comunalidades abaixo de 0,20. Em exame mais detalhado, são esses itens que se espalham pelos demais doze componentes com autovalores acima de 1, sem nenhum desses componentes apresentar-se com correlações ou “cargas” fatoriais que substantivamente indiquem dimensão teórica específica. A exceção está apenas no segundo componente, como teremos oportunidade de discutir.

Antes disso abrimos um parêntese para apresentar duas análises consagradas

pela psicometria clássica no que diz respeito à análise de itens. A primeira trata da correlação de cada item com o escore total da escala, de forma que o item não participe da soma desse escore total. Os itens foram classificados em ordem decrescente da magnitude dos coeficientes de correlação do item com o escore total, de forma que quanto mais alta a correlação do item com o escore total, mais esse item “mede” o que todos os demais itens, juntos, estejam medindo, seja o que for. A segunda análise relaciona-se diretamente à fidedignidade da escala. Trata do coeficiente de consistência interna “alfa” de Cronbach apresentado pela escala total, de forma que o item em exame não participa do cálculo do coeficiente. Os itens foram classificados em ordem crescente da magnitude do coeficiente “alfa” de consistência interna. Quanto menor o coeficiente, mais o item contribui para aumentar a consistência interna da escala. Inversamente, quanto maior o coeficiente “alfa”, menos o item respectivo contribui para a consistência interna, pois retirá-lo aumenta a consistência.

Em ambas as análises, praticamente o mesmo conjunto de itens ocupa os extremos das duas classificações. No caso do extremo inferior dessas classificações, os itens que menos contribuem tecnicamente, do ponto de vista empírico, para a qualidade psicométrica da escala coincidem com os itens menos adequados apontados anteriormente.

Em seguida, os itens classificados pela ordem decrescente de magnitude da correlação do item com o primeiro componente principal (sua “carga” fatorial), uma verificação dos resultados da recomendação de Pasquali [9] sobre o uso da análise fatorial para se examinar a unidimensionalidade da escala, isto é, se está medindo um único construto (ou “fator”, no caso da análise fatorial mencionada pelo autor). Mais uma vez, os resultados corroboram a tendência verificada até agora, a partir de diferentes pontos de vista: o mesmo grupo de itens ocupa as posições de menor qualidade psicométrica.

Examinamos os dados a partir do ponto de vista da psicometria clássica. Como se sabe, a soma das respostas para se obter um escore total pressupõe contribuição igual, para o construto “conjugalidade”, por parte de cada item. Entretanto, isso não ocorre, como se pode verificar pelos resultados apresentados. Para o conhecimento qualitativo dos componentes teóricos do construto, é mais produtivo examinar-se a escala do ponto de vista dessa contribuição relativa. Para que os resultados finais acompanhem essa diferenciação qualitativa da contribuição de cada item para o construto, impõe-se o uso de procedimentos alternativos que venham a atender aos propósitos metodológicos e

teóricos que inicialmente nortearam a construção do instrumento.

A eliminação sumária de vinte itens, sem maior consideração metodológica e teórica sobre as razões iniciais de tê-los concebido e introduzido na escala, desmerece o propósito inicial e empobrece sobremaneira o resultado final da pesquisa. Dentro dessa linha de raciocínio, encerramos essa etapa de análise com a apresentação das características psicométricas básicas da Subescala 40, a escala com 20 itens eliminados da análise, que apresentou média de 149,69 ($dp=29,26$).

Nos resultados da análise de componentes principais sob a forma de gráfico de sedimentação dos autovalores referentes à Subescala 40, verificou-se que a estrutura empírica da escala apresenta um segundo componente mais destacado do que aquele apontado pela análise similar referente à escala total com 60 itens.

Entretanto, no que diz respeito à sua pronta utilização, nada, praticamente, muda. O principal efeito observado na pesquisa com a escala mantém-se o mesmo. A razão $F(1,244)=39,58$, com significância de $p<0,0001$, indica que a diferença entre as percepções de filhos de pais casados (média de 158,05) e de filhos de pais em outra condição (média de 135,45) é, proporcionalmente à quantidade menor de itens da escala, rigorosamente a mesma no que diz respeito à magnitude de impacto deste fator (situação da conjugalidade dos pais) no seu efeito (percepção dessa conjugalidade pelos filhos). No que diz respeito à consistência interna, como seria de se esperar em decorrência da eliminação dos itens de menor correlação com os demais, o “alfa” de Cronbach elevou-se para 0,96.

Passamos agora a tecer considerações acerca da inconveniência técnica, metodológica e teórica da eliminação sumária de 20 itens, não obstante o altíssimo resultado relativo à fidedignidade da escala na sua forma Subescala 40.

Dentre os 60 itens do *QCP*, trinta e dois deles referem-se aos pais como uma unidade; os demais são quatorze pares itens; em cada par, o mesmo conceito é dirigido ao pai e à mãe do sujeito. Os demais itens referem-se a ambos os pais. O que se apresenta como teoricamente produtivo, neste ponto de desenvolvimento da pesquisa, são análises nas quais se separam estes dois tipos de escala, por meio da formação das subescalas *Pai-Mãe* (14 pares de questões, 28 itens) e *Pais* (ambos os pais, 32 itens).

Simultaneamente a esta proposta, os resultados apresentados até agora são suficientes para subsidiar, por meio de informações válidas, a reformulação de itens cujo desempenho deixou a desejar. São, em maioria, aqueles que ocupam os lugares inferiores nas classificação dos itens, segundo procedimentos consagrados pela

psicometria clássica, examinados até o momento. Assim, aplicações posteriores da escala poderão manter o propósito original de conteúdo ao incluir esses itens já reformulados.

Os resultados descritos nesta etapa dizem respeito à discussão das modificações introduzidas no *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais*, que resultaram na forma atual do instrumento, mantendo, portanto, o conteúdo dos sessenta itens iniciais, muito embora o formato de alguns deles tenha mudado substancialmente. Essas mudanças foram sempre no sentido de preservação da inspiração teórica original que orientou a elaboração dos itens, construídos a partir de outros instrumentos de avaliação da relação conjugal, bem como da literatura sobre estrutura e dinâmica do laço conjugal, conforme detalhado anteriormente [1]; [2]. Além disso, considerações teóricas baseadas na experiência clínica influenciaram significativamente a decisão de se modificar o formato de alguns itens. Como se verá, para melhor atender a esses requisitos, procuramos subordinar a psicometria propriamente dita a esses fatores.

Primeira Subescala (PAIS)

Os itens da subescala principal, dirigidos a "meus pais ...", são apresentados a seguir, em ordem decrescente de sua pertinência à conjugalidade dos pais, tal como percebida pelos filhos. Ou, dizendo tecnicamente, os itens estão ordenados a partir das maiores correlações, para as menores, entre o item e o primeiro componente do constructo "conjugalidade", segundo análise de componentes principais preliminar, com 1612 participantes. Essas correlações (ou "cargas") encontram-se entre parênteses.

"MEUS PAIS":

- 1) ... pareciam felizes com o relacionamento deles (.87).
- 2) A relação dos ... parecia gratificante para ambos (.86).
- 3) ... pareciam sincronizados (.85).
- 4) ... demonstravam ser companheiros (.85).
- 5) ... costumavam rir juntos (.82).

- 6) Entre ... existiam sérios conflitos não solucionados (.79).
- 7) ... se elogiavam mutuamente (.78).
- 8) ... expressavam seus sentimentos um pelo outro (.77).
- 9) ... tinham dificuldade de comunicação (.77).
- 10) ... trocavam carinhos físicos (.76).
- 11) ... se interessavam pelas questões um do outro (.74).
- 12) ... se abraçavam na frente dos filhos (.74).
- 13) ... costumavam ficar conversando um com o outro (.74).
- 14) ... contavam coisas engraçadas um para o outro (.73).
- 15) ... respeitavam suas diferenças de opinião (.73).
- 16) ... faziam surpresas agradáveis um para o outro (.66).
- 17) ... se beijavam na frente dos filhos (.61).
- 18) ... dividiam as responsabilidades no dia-a-dia (.54).
- 19) ... eram flexíveis para mudar suas opiniões (.49).

Os itens que apresentam alta correlação com o primeiro componente, assim como a correlação menor, mas de magnitude expressiva, com o segundo componente, são ordenados a seguir, segundo a magnitude decrescente da correlação com este segundo componente.

As correlações entre parênteses referem-se, respectivamente, ao primeiro e ao segundo componentes da análise de componentes principais. As correlações ou cargas no segundo componente aparecem em negrito.

"MEUS PAIS":

- 20) ... tinham "brigas feias" (.68) **(.51)**.
- 21) ... quebravam objetos quando brigavam (.55) **(.46)**.
- 22) ... se agrediam verbalmente (.71) **(.45)**.
- 23) ... se ridicularizavam mutuamente (.62) **(.40)**.
- 24) ... reclamavam um do outro (.71) **(.35)**.
- 25) A relação dos ... parecia tensa (.73) **(.33)**.
- 26) ... discutiam por causa de dinheiro (.55) **(.32)**.

Em outras palavras, os itens 20 a 26 têm em comum o fato de apresentarem, além da alta correlação com o primeiro componente da análise de componentes principais, também apresentarem correlação positiva com o segundo componente; muito menores, mas *positivas*.

Esta observação tomada como pano de fundo remete para os itens que, igualmente, apresentaram correlações expressivas com esse segundo componente, mas com sinal trocado: as correlações são *negativas*. Como opostos, associam-se àqueles, portanto, por contraste.

Sabe-se que cargas positivas e negativas no segundo componente principal e seguintes são imposição necessária do método [10]. Ou seja, são um artefato, uma fabricação do método, não são intrínsecos às variáveis e nada implicam em relação à natureza dos itens.

O que se destaca aqui é a especificidade com sentido teoricamente interpretável dos itens caracterizados pela alta magnitude de cargas com sinais opostos. Esses itens contrastados, constantes da listagem inicial de itens numerados de 1 a 20, são reproduzidos a seguir. Foram reordenados decrescentemente, a partir da maior para a menor correlação negativa com o segundo componente. As correlações entre parênteses referem-se, respectivamente, à correlação do item com o primeiro componente, seguida pela correlação, em negrito, desse mesmo item com o segundo componente:

"MEUS PAIS":

- 17) ... se beijavam na frente dos filhos. (.61) **(-.41)**

- 10) ... trocavam carinhos físicos. (.76) **(-.38)**

- 12) ... se abraçavam na frente dos filhos. (.74) **(-.34)**

- 7) ... se elogiavam mutuamente. (.78) **(-.28)**

- 8) ... expressavam seus sentimentos um pelo outro. (.77) **(-.28)**

- 13) ... costumavam ficar conversando um com o outro. (.74) **(-.21)**

Os demais itens apresentam correlações negativas inferiores a (-.20). Vários autores recomendam a retenção apenas de correlações ou "cargas", positivas ou negativas, de magnitude superior a .30 [11]; [12]; [13]. Por outro lado, aqui, torna-se importante a diferença entre a análise de componentes principais utilizada e a análise fatorial exploratória propriamente dita [14]. Textos recentes enfatizam a importância dessa distinção (por exemplo, Raykov & Marcoulides, [15]); além do mais, para nossos dados, apresenta-se como particularmente útil a possibilidade de representação gráfica de relações complexas entre variáveis oferecida pela extensão da análise de componentes principais para a análise de correspondência [16].

Não se trata aqui, portanto, de análise fatorial, mas sim de análise de componentes principais que, resguardadas as devidas precauções, permite as considerações apresentadas, por dispensar, inteiramente, qualquer tipo de pressuposto

teórico acerca de eventuais dimensões ou fatores inerentes ao constructo investigado. Mas, rigorosamente, para se tomar este constructo, a "conjugalidade", como variável latente [17]; [18]; [19]; [20] com características de unidimensionalidade no sentido de *congeneric* [21], precisa-se de uma solução teórico-metodológica para a questão das altas correlações de determinados itens com o primeiro componente principal, seguidas das não tão altas, mas expressivas correlações dos mesmos itens com o segundo componente. "Cross-loadings", ou cargas altas em mais de um componente, são criticáveis não apenas no caso de se contemplar a hipótese da unidimensionalidade, mas também no que diz respeito à interpretabilidade dos componentes (ou fatores, se for análise fatorial), na situação de mais de uma dimensão emergir da matriz de correlações (ou de covariâncias). Entretanto, não temos, no momento, solução metodológica a sugerir nesse particular e, menos ainda, explicação teórica satisfatória para esse resultado empírico. Limitamo-nos, assim, a algumas conjecturas inspiradas na teoria psicanalítica freudiana que consideramos pertinentes, não obstante a orientação teórica subjacente ao trabalho de elaboração dos itens ter sido a teoria psicanalítica pós-freudiana da psicanálise de grupo, voltada para a transmissão psíquica entre gerações.

Do ponto de vista estritamente teórico-conceitual, a terminologia utilizada, referente a "opostos", "associação por contraste", com a possibilidade, ou não, da admissão de "contrários", é utilizada aqui conforme a acepção freudiana. Freud [22] fala da possibilidade da apresentação onírica de elementos opostos em uma unidade, ao discutir o trabalho do sonho, e estende esse conceito até abranger o sentido antitético das palavras primitivas [23]. Neste último trabalho, o autor cita a si próprio, ao reproduzir entre aspas todo um parágrafo do texto de 1900 para discutir opostos, contrários e contradição, de forma hegeliana, diferenciada em relação à posição aristotélica (de inclusão dos contrários na categoria dos opostos).

Dentro deste enquadre teórico, considera-se a escala principal com 26 itens como basicamente unidimensional, isto é, medindo apenas uma única dimensão, a conjugalidade (pois o primeiro componente "explica" cinquenta e dois por cento da variância da escala; o segundo acrescenta à explicação apenas oito por cento). Isto porque todos os vinte e seis itens apresentam correlações ou cargas positivas e altas com o primeiro componente na análise de componentes principais; além disso, item algum apresenta carga no segundo componente que seja maior que sua carga no primeiro.

Desta forma, entende-se que o segundo componente sinaliza apenas um aspecto restrito do constructo "conjugalidade", sem se constituir, propriamente, como uma

segunda dimensão. Chega-se a essa conclusão uma vez que os itens destacados como aqueles com as maiores magnitudes, positivas ou negativas, no apenas discernível segundo componente, são justamente aqueles que apresentam conteúdos contrastantes. Mostram-se associados por “contra-reflexos contraditórios”, segundo expressão freudiana utilizada na discussão dos meios de figuração onírica no trabalho do sonho [22] e posteriormente reelaborada no trabalho sobre o sentido antitético das palavras primitivas [23].

Segunda Subescala (PAI-MÃE)

Compõe-se dos itens que distinguem pai e mãe na mesma variável. São onze itens, igualmente no formato Likert, oferecendo para resposta as mesmas cinco categorias (“nunca”, “raramente”, “às vezes”, “geralmente” e “sempre”). Eis os vinte e dois itens constituídos em onze pares:

27) Minha mãe demonstrava desejo pelo meu pai./ 28) Meu pai demonstrava desejo pela minha mãe.

29) Meu pai parecia confiar na minha mãe. / 30) Minha mãe parecia confiar no meu pai.

31) Meu pai demonstrava satisfação com o casamento. / 32) Meu pai demonstrava satisfação com o casamento.

33) Meu pai parecia permanecer casado por conveniência. / 34) Minha mãe parecia permanecer casada por conveniência.

35) Meu pai parecia se sentir sozinho. / 36) Minha mãe parecia se sentir sozinha.

37) Meu pai dificultava as atividades individuais de minha mãe. / 38) Minha mãe dificultava as atividades individuais de meu pai.

39) Minha mãe assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia. / 40) Meu pai assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia.

41) Minha mãe demonstrava ser uma pessoa feliz. / 42) Meu pai demonstrava ser uma pessoa feliz.

43) Meu pai falava mal da família da minha mãe. / 44) Minha mãe falava mal da família do meu pai.

45) Meu pai demonstrava insegurança na relação com minha mãe. / 46) Minha mãe demonstrava insegurança na relação com meu pai.

47) Meu pai agredia minha mãe fisicamente. / 48) Minha mãe agredia meu pai fisicamente.

A principal característica dessa subescala é a de se apresentar em dois níveis, pois há um item referente ao pai, e outro item referente à mãe, na mesma variável. Além disso, como ambos os itens são respondidos pelo mesmo sujeito, configura-se a situação metodológica de medidas repetidas. O casal parental ("pais") é tomado como variável latente em análise hierárquica multinível. Latente porque a variável "pais" não é diretamente observável, pois o que se registra é uma resposta referente à mãe e uma resposta referente ao pai. A soma das duas para fazer com que a unidade de análise passe dos indivíduos (pai e mãe) para o casal parental (pais), elimina a possibilidade de comparação entre o pai e a mãe. Deixa-se de examinar, assim, a variabilidade intercônjuges. Há, portanto, o nível em que a unidade de análise é constituída pelos indivíduos pai e mãe, e o nível em que a unidade de análise é o casal (parental, os pais). O desenvolvimento nas técnicas de análise multivariada abre a possibilidade de análise simultânea de ambos esses níveis [24], com a consideração do casal parental como variável latente [19]; [20].

Terceira Subescala (ponto médio)

São onze itens. Formam escala composta tanto de itens voltados diretamente para os pais, como na Primeira Subescala MEUS PAIS, quanto de itens que distinguem pai e mãe, como na Segunda Subescala PAI-MÃE. A diferença nessa Terceira Subescala é que a categoria considerada teoricamente mais importante ou significativa é

o ponto médio "às vezes". Compõe-se dos seguintes itens (com as categorias "nunca", "sempre", "às vezes"):

49) Meus pais saíam com amigos comuns.

50) Meus pais saíam juntos para se divertir, sem os filhos.

51) Meus pais concordavam um com o outro.

52) Meus pais passavam o tempo livre juntos.

53) Meu pai parecia sentir ciúme da minha mãe. / 54) Minha mãe parecia sentir ciúme do meu pai.

55) Minha mãe saía com amigos/as individuais. / 56) Meu pai saía com amigos/as individuais.

57) Minha mãe demonstrava ter poder na relação conjugal. 58) Meu pai demonstrava ter poder na relação conjugal.

Finalmente, apresenta-se o sexagésimo e último item. É o único item dicotômico, com as alternativas "sim" ou "não". O formato original foi descartado, após exame dos resultados empíricos de análise do item com base na primeira aplicação da escala [25]; [26], quando se verificou a inadequação das cinco categorias anteriormente oferecidas. O item é o seguinte:

59) Meu pai parecia trair minha mãe. 60) Minha mãe parecia trair meu pai.

Apresentamos, portanto, todos os sessenta itens na forma constitutiva da última versão do instrumento. Na faixa de idade entre 18 e 29 anos, 1612 sujeitos responderam essa última versão da escala. Quando adequado, a amostra foi dividida em metades de 806 sujeitos cada uma, para se testar a replicabilidade em análises multivariadas. Como as aplicações foram feitas na zona sul do Rio de Janeiro (416 sujeitos), na Baixada Fluminense (697), em Belo Horizonte (182), em Petrópolis (28) e em diversas outras localidades (268), abre-se a possibilidade de se investigar simultaneamente diferenças

entre essas regiões, além das possíveis diferenças de classe social (classe média-alta e alta, 188 sujeitos; média, 761; média-baixa e baixa, 648) e de gênero (674 homens e 931 mulheres), tomadas como variáveis moderadoras (Aguinis, 2004).

Conclusões

O aspecto estritamente psicométrico do instrumento, após as pesquisas realizadas com os 246 sujeitos que por ele passaram em sua forma original, ao ceder lugar a uma visão teórico-conceitual das diferentes partes que passaram a constituí-lo, ficou em segundo plano no presente capítulo. Esse caminho foi escolhido com base na concepção de Jean-Paul Benzécri, citado por Lebart, Piron & Morineau [16]: "o modelo deve seguir os dados e não o inverso" ("le modèle doit suivre les données et non l'inverse").

Entende-se que esta seja a forma de melhor representar as relações entre os dados da pesquisa. Assim, a proposta vai além do conjunto de itens tomado exclusivamente como instrumento de medida. Considera-se que, somente no sentido restrito da otimização de um instrumento de mensuração, faz sentido utilizar o modelo Rasch [25]; [26] como ponto de referência apriorístico em relação ao qual os itens estarão melhor ou pior ajustados (no conceito de "fit") à modelagem matemática empregada.

Referências Bibliográficas

[1] Féres-Carneiro, T., Ziviani, C. & Magalhães, A. S. Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 251-267.

[2] Féres-Carneiro, T., Magalhães, A. S. & Ziviani, C. Conyugalidad de los padres y proyectos vitales de los hijos frente al matrimonio. *Revista Cultura y Educación – Familia y Pareja*, 18 (1), 2006, p. 95-108.

- [3] Ziviani, C., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. & Bucher-Malushke, J. (2006). Avaliação da conjugalidade. Em A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos & F. F. Sisto (Orgs.), *Facetas do fazer em avaliação psicológica*. São Paulo: Vetor, 13-55.
- [4] Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Martins Fonte, 1979 .
- [5] Aguinis, H. *Regression analysis for categorical moderators*. New York: Guilford Press, 2004.
- [6] Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E. & Tatham, R. L. *Multivariate data analysis. Sixth edition*. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall, 2005.
- [7] Harman, H.H. *Modern factor analysis*. Chicago, IL, University of Chicago Press, 1967.
- [8] Netemeyer, R.G., Bearden, W.O & Sharma, S. *Scale procedures. Issues and applications*. Thousand Oak, CA, Sage, 2003.
- [9] Pasquali, L. *Psicometria. Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.
- [10] Dunteman, G. H. (1989). *Principal components analysis*. Newbury Park, CA: Sage.
- [11] Cohen, J., Cohen, P., West, S. G. & Aiken, L. S. *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences. Third edition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.
- [12] Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E. & Tatham, R. L. *Multivariate data analysis. Sixth edition*. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall, 2006.
- [13] Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. *Using multivariate statistics. Fifth edition*. Boston: Pearson/Allyn and Bacon, 2007.

- [14] Thompson, B. *Exploratory and confirmatory factor analysis. Understanding concepts and applications*. Washington, DC: American Psychological Association, 2004.
- [15] Raykov, T. & Marcoulides, G. A. *An introduction to applied multivariate analysis*. New York: Routledge, 2008.
- [16] Lebart, L., Piron, M. & Morineau, A. *Statistique exploratoire multidimensionnelle. Visualization et inférence en fouilles de données*. 4e. édition. Paris: Dunod, 2006.
- [17] Bollen, K. A. *Structural equations with latent variables*. New York: Wiley, 1989.
- [18] Loehlin, J. C. *Latent variable models. An introduction to factor, path, and structural equation analysis. Fourth edition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.
- [19] Bentler, P. M. (2006). *EQS structural equations program manual*. Encino, CA: Multivariate Software.
- [20] Muthén, L. K. & Muthén, B. O. *Mplus: Statistical analysis with latent variables. User's guide*. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén, 2007.
- [21] Jöreskog, K. (1971). Statistical analysis of sets of congeneric tests. *Psychometrika*, 36, 109-133.
- [22] Freud, S. (1999). *Die Traumdeutung. Gesammelte Werke 2-3* (Interpretação dos sonhos. Obra Completa 2-3). Frankfurt am Main: Fischer Verlag. (Original publicado 1900)
- [23] Freud, S. (1999). *Über den Gegensinn der Urworte. Gesammelte Werke 8* (Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. Obra Completa 8). Frankfurt am Main: Fischer Verlag. (Original publicado 1910)
- [24] Gelman, A. & Hill, J. *Data analysis using regression and multilevel/hierarchical*

models. New York: Cambridge University Press, 2007.

[25] Rasch, G. *Probabilistic models for some intelligence and attainment tests*. Chicago, IL: Mesa Press. (Originalmente publicado em 1960), 1993.

[26] Bond, T. & Fox, C. (2001). *Applying the Rasch model*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.